

ESCOLA DA FÉ.
Paróquia Santo Antonio do Pari.

Aula 2:
Fé em quem?
Fé em Jesus Cristo.

Frei Hipólito Martental, OFM.
São Paulo-SP, 03 de maio de 2012.

1.

JESUS ENTRA EM CENA.

Desde o anúncio do Anjo, seu nascimento, apresentação no Templo aos 8 dias de idade até aparecer publicamente com algum destaque, Jesus já devia ter uns 30 anos.

Afinal, pessoas que nascem de famílias pobres, crescem em aldeias pobres da periferia, por mais que sejam destaque naquelas pequenas circunstâncias, não tem condições de se destacarem no mundo maior em qualquer época.

Mesmo já homem adulto, Ele está defasado do desenvolvimento normal dos seus concidadãos, pois com essa idade todos os homens estão casados e, provavelmente, com vários filhos em casa própria. Lá está Ele, na Galiléia, província ao Norte da Palestina. É uma região semi-pagã, desprezada pelos “judeus puros” da Judéia. Lembremos que Nicodemos num debate no sinédrio é chamado à atenção pelo sumo sacerdote que deveria estudar mais, “pois da Galiléia não surgem profetas” (Jo 7,50-53).

Jesus mora na minúscula Nazaré, sem boa fama sequer na Galiléia. Natanael pergunta, ao saber que Jesus era de Nazaré: “Pode de Nazaré vir alguma coisa boa?” (Jo 1,46). Jesus fala o dialeto dos Galileus ou, ao menos, o aramaico com fortes características da região. Até seu nome Jesus. Nada tem que o recomende ao povo.

Aliás, aqui poderíamos fazer uma boa meditação sobre a Encarnação de Deus em Jesus. Deus não só renunciou às vantagens de sua condição divina, como ainda escolheu um homem sem nenhuma vantagem social (posição) ou pessoal.

2.

VISÃO RETROSPECTIVA.

Julgo importante essa forma de enfocar, essa forma de apresentação de Jesus ao povo pelos Apóstolos e autores dos evangelhos e Atos dos Apóstolos.

Jesus havia passado perto de três anos em sua função de pregador ambulante e da sistemática cura de doentes, com alguns milagres extraordinários: cura de aleijados, de cegos de nascença, leprosos e três ressurreições de mortos. Isso lhe deu visibilidade colocando-o no centro da Palestina toda. Até Herodes se preocupa e quer conhecê-lo.

Mas, sua prisão e execução bárbara na Cruz, em uma Jerusalém inflada pela presença de muitos milhares de peregrinos de toda a parte, dever ter sido o acontecimento mais comentado em muito tempo. “Tu és decerto o único homem de passagem por Jerusalém a ignorar o que se passou nesses dias”, diz Cléofas a Jesus no caminho de Emaús (Lc 24,18).

A seguir vem a Ressurreição. É o acontecimento mais grandioso da vida de Jesus, o ponto de partida para sua identidade e da identidade da Igreja, bem como da Fé Cristã. Mas, apesar disso, não teve impacto imediato sobre a multidão, pois era inacreditável e não esperado por todos, sem exceção, pois as Escrituras não falam de ninguém que ao menos tivesse uma declarada esperança que Jesus ressuscitaria.

Mas, para os apóstolos e demais discípulos que viram Jesus ressuscitado e creram, bem como para aqueles que ouviram o testemunho das “testemunhas oculares dessas coisas” a ressurreição de Jesus foi absolutamente impactante.

A partir daí, tudo o que sabiam ou imaginavam a respeito de Jesus adquiriu novo e maior significado. A reviravolta maior deu-se na compreensão e aceitação da paixão e da morte de seu Mestre. O que ontem fora tão revoltante, tão decepcionante e arrasador, agora adquiria sentido, credibilidade, encantamento e tornava várias passagens da fala de Jesus, antes incompreensíveis, em coisas tão claras e aceitáveis!

Em resumo, sem a ressurreição, não só sua morte seria estúpida, como a própria figura de Jesus se apagaria imediata e totalmente.

Nada de profeta; nada de Messias. Talvez seu curto sucesso em palavras e milagres fosse até explicado como truques diabólicos para enganar o povo crente e esperançoso de tempos novos e melhores em que Deus voltaria a caminhar com o seu povo (cfr Lc 11.15).

3. PRIMEIRO CREDO DOS CRISTÃOS.

Jesus ressuscitado aparece aos Onze.
Vamos ler Lc 24,36-56.

Até o v 43, Jesus tem algum trabalho para provar que Ele próprio é o ressuscitado.

Nos vv 44-49 dá instruções precisas e mínimas necessárias para a missão dos apóstolos.

- A seguir abriu-lhes o espírito para entenderem as Escrituras. Sem bom entendimento das Escrituras, nada feito!

- Pregar a conversão e o perdão dos pecados a todas as nações. Esse perdão só agora é possível mediante a compreensão que, na Cruz, Cristo morreu por todos.

- “E Vós sois as testemunhas disso”.
- Para serem fiéis e corretos ao anunciar e testemunhar Jesus, recebem um guia, “uma espécie de manual vivo e infalível”: o Espírito Santo. São assim revestidos do “Poder do Alto”.

Esses pontos são essenciais, indispensáveis, para qualquer discípulo de Jesus de todos os tempos, dar seu testemunho. (Aqui ficaria bem uma reflexão para todos, principalmente para os que exercem funções na comunidade.)

Hoje em dia quando um adulto é preparado para o Batismo ele precisa mostrar que o conteúdo do enorme catecismo da Igreja Católica é conhecido e aceito e que as principais verdades da Fé declaradas no Símbolo Niceno-Constantinopolitano são também inquestionavelmente aceitas.

E os que São Pedro batizou?
O que deles se exigia?

- Aceitar que Jesus de Nazaré é o Messias anunciado nas Escrituras.
- Aceitar que Jesus morreu por todos para que os pecados de todos pudessem ser perdoados.
- Crer que Ele ressuscitou e está na Glória, à direita do Pai.
 - Crer que Deus O constituiu Senhor e Cristo, Salvador.
- Estar disposto a participar da comunidade dos que “seguem o Caminho” (primeiro nome dado ao Cristianismo).
 - Crer também na ressurreição dos seguidores de Cristo.

Quanto ao quinto ponto, não está claramente dito, mas parece óbvio, que todos pertencessem à comunidade, quando lemos os capítulos 2 e 4 de Atos.

Só não sei como ficaria o ministro da misteriosa rainha Candace, convertido e batizado por Felipe.

Aqui seria interessante ver o esquema que Jesus usa para falar aos discípulos de Emaús e explicar a inevitabilidade de sua Paixão e Morte (Lc 24,25-27). A seguir, ler também os sermões de São Pedro em Atos: 2,14-36; 3,12-26; 4, 8-12; 5, 29-32.

4. BIOGRAFIA NÃO ERA IMPORTANTE.

Voltemos agora à idéia de visão retrospectiva. Tudo o que se ouviu, pensou e acreditou; tudo o que Ele, Jesus, falou e realizou precisa ser revisto à luz do calvário e do sepulcro vazio.

A Ressurreição mudou tudo. Por algum tempo os apóstolos e discípulos ocupavam-se, ao que parece, só com os pontos acima apresentados (ver as instruções de Jesus).

Havia ainda outra fonte de influência sobre as pregações do início do Cristianismo. Os pregadores estavam convencidos de que o tempo era brevíssimo. “... não acabareis de percorrer as cidades de Israel antes que chegue o Filho do Homem” (Mt 10,23). Ou, “na verdade Eu vos digo, dentre os que aqui estão, alguns não morrerão antes de ver o Reino de Deus vindo com poder” (Mc 9,1). Então, por que “perder tempo” com dados da biografia de Jesus ou outras coisas pequenas? Os evangelhos são as fontes de dados que temos sobre a vida de Jesus, embora sem preocupações de ser uma biografia.

Mas acontece que os evangelhos demoraram muito para aparecer. Marcos escreveu o seu em Roma. Diz a tradição que foi muito baseado em pregações e reminescências de Pedro. Nero perseguiu os cristãos de Roma em 64. Só depois apareceu o evangelho de Marcos. Um primeiro evangelho de Mateus, mais simples e anterior ao que temos hoje na Bíblia, foi escrito em aramaico e se perdeu. O atual evangelho de Mateus, redigido em grego, ao que tudo indica, só foi escrito na década de 80.

A última parte da vida de Jesus a ser escrita foi sua infância e só aparece em Mateus e Lucas. Marcos nada fala. E, ainda assim, os dois que falam da infância de Jesus, tem muito mais preocupações teológicas que biográficas.

Mateus e Lucas querem mostrar que Jesus é realmente de origem humana. Recorrem ao velho expediente das genealogias.

Mateus procura os antecedentes humanos de Jesus até Abraão. Jesus é um judeu, o maior entre os patriarcas. Lucas recua até Adão. Jesus é descendente de Davi, judeu portanto; mas é também descendente de Adão, descendente da humanidade.

Mas os dois acentuam a origem divina, concebido de uma virgem que “não conhecia homem”, “por ação do Espírito Santo”. João vai à Encarnação do Verbo decidida já na eternidade, “antes que o mundo fosse feito”.

5. NOMES E TÍTULOS

Estamos procurando chegar à formatação de um quadro que estampe a personalidade de Jesus. Na próxima aula nos estenderemos mais sobre o tipo humano de Jesus.

Toda pessoa é conhecida por um nome. É bom lembrar que o povo judeu dava importância ímpar ao nome de alguém. O nome devia representar o significado básico de seu portador e a essência de sua pessoa. Com que nomes a jovem Igreja referia-se ao seu adorado fundador?

Seu nome próprio de homem era Jesus que significa “Javé salva”. O significado para Jesus é óbvio. Por sua profissão referem-se a Ele como “o carpintero”.

Por sua nova profissão, pregador e revelador de Deus e de seu Reino, Ele fica conhecido como “Rabi”, isto é “Mestre”.

Hoje seria o “Doutor”. Jesus não é um doutor entre doutores. Ele é “O” doutor, o doutor da vida. “Nem permitais que vos chamem de mestres, pois só tendes um mestre, o Cristo” (Mt 23,10).

Às vezes Jesus é chamado de “Profeta”. Ele até faz referência ao seu caráter de sucessor dos profetas: “... é inadmissível que um profeta morra fora de Jerusalém. Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedrejas os enviados de Deus ...!” (Lc 13,33-34).

A Igreja muitas vezes usa o título “o Ungido”. É o mesmo que em hebraico “Messias” e em grego “Christos”. Esse título, o “Ungido”, era usado para os reis de Israel e na esperança do povo, designava

“O Rei” esperado para substituir a dominação estrangeira e pagã pela dominação de Deus. Esse era perigoso, pois trazia à tona esperanças e desejos nacionalistas e guerreiros. Se Jesus tivesse usado esse título para si em certas situações “queriam proclamá-lo rei” (Jo 6,15).

Jesus só vai aceitar que ele é de fato o Cristo diante do sinédrio (Mc 14,62).

Acrescenta prontamente, “Meu Reino não é deste mundo”. Nos outros evangelhos Jesus não parece tão reservado quanto a este título, porque, com o passar dos anos, “Messias” já se tinha purificado dessa conotação nacionalista. Já vimos que na pregação dos Apóstolos depois da ressurreição é essencial anunciar Jesus como o Messias prometido pelos profetas.

Jesus, para designar sua messianidade, gosta de usar a palavra “Filho do Homem” tirado do profeta Daniel (7,11-13).

Paradoxalmente, Jesus usando esse nome não está acentuando a sua origem humana, mas sua origem divina - é enviado do Céu. Não é questão de modéstia. Ele o usa exatamente para substituir o nome Cristo. Ele não deseja associar seu nome à realeza terrena. Quando o sumo sacerdote lhe pergunta: “És tu o Cristo, o Filho de Deus Bendito?” Jesus responde: “Eu o sou.”

Aqui Ele reconhece ser o Cristo, mas acrescenta imediatamente: “E vereis o Filho do Homem sentado à direita de Deus, vindo sobre as nuvens do céu” (Mc 13,61-62). O termo é riquíssimo: aponta para a alta dignidade de Jesus e sugere a humildade não terrestre de sua messianidade. “Filho do Homem” (“Ben Adam”) significa simplesmente “homem”, ou seja, membro da humanidade. Jesus é da nossa raça, o homem, o verdadeiro Adão.

Outro título é “Filho de Deus”. Antes de Jesus o termo “Filho de Deus” podia ser qualquer pessoa importante que tivesse uma relação especial com Deus: reis de Israel, grandes profetas. Assim é fácil imaginar, que no mesmo sentido, o Messias fosse chamado Filho de Deus. Mas, para Jesus não é só uma relação especial com Deus que queremos ressaltar. Na verdade, queremos ressaltar sua origem eterna de Deus.

Ele é Filho do Pai Eterno, gerado antes dos tempos e sendo os dois um e o mesmo Deus (Jo 1,1-2). Desse título origina-se toda a autoridade de Jesus. Ele sim pode dizer “Abba”, “Pai”. Aliás Jesus gosta de dizer “Meu Pai e Vosso Pai”.

Nos livros do Novo Testamento Jesus é chamado “o Senhor” (Kyrios, em grego; em latim “Dominus”. No Antigo Testamento “o Senhor” sempre foi título divino.

Existem passagens no Novo Testamento onde Jesus é chamado “Deus”. “O Deus Unigênito” em Jo 1,18. Tomé exclama: “Meu Senhor e Meu Deus” (Jo 20,28). São Paulo refere-se a “Cristo” ... que, elevado acima de tudo, é Deus, o Bendito por todos os séculos” (Rom 9,5). Portanto, nenhuma dúvida que a jovem Igreja reconhece Jesus como Deus.

Ainda lembramos no tempo de Páscoa que imprimimos no Círio A e Ω. O livro Apocalipse refere-se muitas vezes a Cristo como princípio e fim de todas as coisas. Outras vezes, o chama de o Cordeiro que foi imolado. Mas, o mais bonito é que o povo cristão de todos os tempos preferiu sempre referir-se ao nosso Mestre Senhor simplesmente como Jesus. Porque, afinal, “para o nome de Jesus se dobre todo joelho no Céu, na Terra e debaixo da Terra (Fl 2,10).

Frei Hipólito Martendal, OFM.
São Paulo-SP, 03 de maio de 2012.

observação:

Sobre os títulos e os nomes de Jesus, ler O
Novo Catecismo, páginas 181 a 185